

Vivemos novos tempos. Depois da pandemia do COVID-19 muitas coisas mudaram e não voltarão ao estado de antes. Com esse novo tempo surgiram desafios que demandam respostas efetivas de nossas igrejas e organizações.

Contudo, algumas necessidades não mudam. Uma delas é a necessidade de educadores cristãos contribuindo efetivamente para a atuação de nossas igrejas na sociedade.

A partir desta edição contaremos sistematicamente com a colaboração da Associação dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil. Iniciamos essa participação com um artigo que fala sobre a necessidade de nossas igrejas contarem com as orientações dos educadores cristãos.

Em maio, a maioria de nossas igrejas celebra o Mês da Família. Por isso, vamos ler sobre a dinâmica do cuidado com as famílias de nossas igrejas e os desafios para pastores e líderes.

Servimos ao Deus Altíssimo e a nossa motivação para este serviço real deve ter como fonte o próprio Senhor Jesus, que nos redimiou e nos deu uma nova vida. Muitas vezes, as pessoas perdem a visão de que servir ao Senhor é um grande privilégio e não podemos perder essa grande oportunidade de fazer parte de tudo o que o nosso Deus está fazendo na sociedade do nosso tempo.

Líderes precisam estar plenamente comprometidos com seus ministérios e organizações e tal comprometimento deve ser percebido por todos. Da mesma forma, os membros de cada equipe devem viver comprometidos e motivados para alcançar os objetivos estabelecidos e contribuir de maneira efetiva para a transformação de vidas.

Em todo o tempo, a estrutura de comunicação de nossas igrejas e organizações pode contribuir muito para que o alcance de tudo o que fazemos seja significativamente ampliado. Muitas igrejas compreenderam isso há muitos anos e fizeram apropriados investimentos na área de comunicação. Vamos aprender um pouco sobre esse tema.

Desejamos a cada período servir melhor a você que é nosso leitor. Nossa expectativa é que os textos desta edição sejam úteis e relevantes para você e sua liderança. Mais uma vez pedimos que você nos envie suas impressões e sugestões para que possamos melhorar no serviço ao seu ministério. Suas sugestões de temas são muito bem-vindas.

Boa leitura.

ISSN 1984-8684

Literatura Batista

Ano 49 • Nº 194

Administração Eclesiástica é uma revista preparada especialmente para a liderança da igreja – pastores, diáconos, seminaristas, educadores religiosos e diretoria – visando a um melhor desempenho de seu ministério nas diferentes áreas de atuação

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333
CEP: 20270-972 – Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d’Almeida
(RP/16897)

Redação

Davidson Pereira de Freitas

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
convicao@convicaoeditora.com.br



Ainda precisamos de educadores cristãos?



A dinâmica do cuidado com as famílias das igrejas
Desafio para pastores e líderes



Comprometimento



Cristo e o poder da motivação



Igreja 2.0
O ministério de comunicação da PIB de Curitiba



Sinais visíveis de uma comunicação assertiva



Três dicas para tomar decisões sensatas



TST reitera entendimento
Inexiste vínculo empregatício entre pastor e igreja



Ainda precisamos de educadores cristãos?

É um grande prazer abrir este espaço reflexivo na revista *Administração Eclesiástica* com o objetivo de entrelaçar os ministérios pastoral e educacional no contexto da igreja. Para responder à pergunta principal deste artigo, precisamos primeiro entender o que é Educação Cristã e quem é o educador cristão. Entretanto, fazer uma

definição não é uma tarefa simples, principalmente quando o termo a ser definido é amplo e complexo.

Vamos tomar como base o conceito de Durães e Ramiro (2018, p. 97) como referência para este artigo: *A Educação Cristã, expressa em ambientes educacionais múltiplos, é o processo de formação integral da pessoa humana, cuja vida é moldada pela Palavra de Deus,*



Elana Costa Ramiro

Educadora cristã da PIB da Penha – São Paulo, SP; escritora, mestre em Psicologia e Gestora Educacional. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e presidente da AECBB (Associação dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil).

produzindo virtudes pessoais que devem ser partilhadas com a família, a comunidade de fé e o mundo. Entender este conceito como algo para além da igreja, da Escola Bíblica ou do trabalho com crianças é urgente e indispensável. Onde há pessoas interagindo, a partir do conteúdo das Escrituras Sagradas, ali está acontecendo educação cristã. Esta interação entre duas ou mais pessoas pode ser de forma síncrona – nos estudos bíblicos presenciais, no culto familiar, nas conversas intencionais etc. – ou de forma assíncrona – nas interações on-line ou off-line, por meio das mídias ou da leitura de um texto onde o participante/leitor interage com o apresentador/escritor.

Ao assumirmos a Educação Cristã como algo amplo, entendemos que a Palavra de Deus é capaz de aperfeiçoar todo o ser e não apenas seu aspecto espiritual. Neste sentido, o ensino cristão modela o caráter da pessoa e produz nela diversas virtudes que a torna semelhante a Cristo (Cl 1.28). Essas virtudes, por sua vez, só podem ser consideradas verdadeiras e frutíferas se forem vivenciadas e partilhadas na família, na comunidade de fé e no mundo.

A maneira que Deus escolheu para que o evangelho chegasse até nós foi um processo educativo de transmissão das verdades eternas, de uma geração para outra. Conhecemos Cristo e nos relacionamos com ele porque os cristãos que nos antecederam cumpriram a tarefa primordial de compartilhar as boas-novas com seus contemporâneos e, também, prepararam seus sucessores para continuarem essa tarefa preciosa. Quando observamos o ministério de Jesus, fica bem claro que a ação de ensinar é uma tarefa essencial. A expansão do reino de Deus, na parte que cabe a nós, está diretamente ligada à capacidade dos cristãos de vivenciarem o reino com profundidade e de partilharem dele com outras pessoas.

Entendendo a educação cristã desta forma, podemos olhar para o educador cristão como o servo vocacionado que está disponível para que Deus o direcione na condução do seu povo rumo a este propósito. Ele depende de Deus (Jo 15), aceita a responsabilidade (Rm 12.7) e busca a excelência no exercício do ministério (2Tm 2.15). Neste sentido, ao unirmos a necessidade educacional da igreja com a liderança vocacionada do educador cristão, temos a possibilidade de expandir o alcance da missão da igreja e avançar em aspectos importantíssimos que favorecem o amadurecimento dos crentes em Jesus.

Se temos esta percepção, ainda vale a pergunta inicial deste artigo? Esta pergunta nos conduz a uma caminhada histórica que revela certo esmaecimento da figura do educador cristão no ambiente eclesiásti-

co. Os batistas brasileiros sempre foram reconhecidos por seu imenso amor ao estudo da Palavra. Já fomos uma denominação com educação cristã de ponta, de vanguarda. Uma marca forte e que expressava a compreensão do lugar do ensino no ministério da igreja. Entretanto, o que temos observado nas últimas décadas é uma fragilidade educacional resultante do subaproveitamento da diversidade educativa possível em uma comunidade cristã e uma redução significativa dos ambientes de diálogo e partilha.

A aproximação entre os ministérios pastoral e educacional, neste tempo, é uma ação necessária e essencial. Sabemos que o reino de Deus avança quando toda a liderança está bem alinhada e trabalhando em conjunto na direção apontada por Deus nas Escrituras, afinal, são muitos os desafios da igreja



hoje: formação do caráter segundo Cristo, crescimento do conhecimento bíblico, amadurecimento cristão para a vida e o serviço cristão, a evangelização e o discipulado, orientação à família na sua tarefa, liderança fortalecida, inclusão educacional adequada, permanência da juventude na igreja, compaixão fundamentada, respostas assertivas aos dilemas éticos, resgate do sentido da história, uso consciente da tecnologia, presença cristã na cibercultura, entre tantos outros.

Há muitas formas de uma igreja avançar no cumprimento de sua missão educativa. Entretanto, todas elas convergem para um ponto central e indispensável: a presença de uma forte liderança educacional. Para que se possa visualizar aspectos muito práticos que comprovam esta premente necessidade, queremos

apresentar e refletir sobre sete razões para sua igreja investir agora mesmo na presença de um ministro de educação cristã, vejamos:

1. A igreja precisa de alguém com paixão pela educação cristã – A paixão pode ser definida aqui como uma forte inclinação e amor por determinada área de serviço a Deus. Ele mesmo atrai o coração dos seus servos para atender à sua boa, perfeita e agradável vontade. O avanço conceitual e operacional da educação cristã só acontece, e causa o impacto necessário, quando há alguém com paixão e dependência de Deus direcionando o ministério, mesmo que haja, entre os membros, pessoas que sirvam na área educacional. Um líder apaixonado injeta afeto no ministério e contagia a comunidade com sua paixão. Quando a igreja tem um ministro que ama educação



Um líder apaixonado injeta afeto no ministério e contagia a comunidade com sua paixão

e que dispõe de tempo e de recursos, os resultados aparecem para a glória de Deus.

2. A igreja precisa de visão educacional – Além da paixão, a educação cristã também precisa de reflexão e visão estratégica para avançar em seus objetivos. Os princípios são divinos, o processo e o discurso são humanos. O conteúdo é bíblico, eterno e imutável, mas a forma e os métodos são culturais, condicionados e adaptáveis. A visão estratégica ajuda a igreja a manter seus fundamentos enquanto educa de forma mais eficiente e assertiva. Com a estratégia adequada, a igreja ou organização cristã usará meios contextualizados e eficientes para alcançar os educandos. A maneira como cada geração será impactada é diferente e específica. O educador cristão trabalha coletivamente para construir a melhor estratégia para lidar com desafios e potencializar a visão educacional da igreja.

3. A igreja precisa de um projeto educacional – É inegável o desinteresse de uma parcela da membresia das igrejas em relação à leitura e ao estudo sistemático da Bíblia. Muitas razões costumam ser levantadas a respeito, todas pertinentes, em especial aquelas que acentuam a ausência de um projeto pedagógico bem estruturado na ministração do ensino bíblico. Já foi o tempo em que a educação cristã podia ser produzida fora da igreja e implantada nela com sucesso e os manuais e programas nacionais de educação religiosa causavam verdadeiras efervescências nas igrejas. Hoje, cada igreja precisa criar o seu próprio projeto educacional (e isso é um grande avanço) mas, em vez disso, muitas se perdem em meio a uma diversidade de propostas, currículos e métodos oferecidos no mercado evangélico sem saber como avaliá-los ou adaptá-los adequadamente. O projeto educacional requer conhecimento, técnica e habilidade para a sua elaboração. Ele deve ser fruto de uma construção coletiva e direcionado pelo educador cristão com a participação do maior número possível de membros envolvidos.

Quando há um projeto educacional bem desenhado, toda a comunidade sabe para onde se direcionar e pode contribuir para o alcance dos objetivos.

4. A igreja precisa de pessoas capacitadas para a liderança – Ter uma equipe educacional capacitada é fundamental para a qualidade do ensino oferecido pela igreja, por isso, a formação continuada deve ser vista como prioridade. Muitas transformações estão acontecendo no campo da educação devido ao avanço tecnológico, ao crescente engajamento em programas de ensino a distância e mudanças significativas no estilo de vida das pessoas. Isso não pode impactar o conteúdo bíblico que é oferecido, mas deve impactar frontalmente a forma como este conteúdo está sendo ministrado. Capacitar pessoas para liderar neste novo mundo é um desafio enorme. É preciso considerar as necessidades, dores e desejos dos membros e da comunidade, sem perder o foco na Palavra de Deus, sem ensinar o que as pessoas querem ouvir e, sim, o que Deus tem para elas neste tempo desafiador. O educador cristão é o ministro que identifica, programa e estimula o desenvolvimento de habilidades e o aprimoramento de competências para o serviço cristão em todas as áreas da igreja em que seja necessário.

5. A igreja precisa ampliar o alcance do seu programa – A educação cristã pode ir muito além da igreja. Ela pode chegar nas casas, nos hospitais, nos presídios, nas escolas, nas universidades, nas organizações não governamentais [ONGs], nas empresas, nos hotéis, nas ruas, nos becos, nos campos etc. Ela pode chegar a qualquer lugar onde haja uma pessoa preparada para compartilhar a Palavra de Deus de forma intencional e direcionada por Deus. Se a igreja souber aproveitar o seu potencial educacional poderá ir mais longe. O programa educacional da igreja deve ser uma porta aberta para o mundo. Com um olhar atento para a comunidade em que a igreja está inserida e para as necessidades do mundo, é possível criar estratégias e ações educativas que oportunizem o contato com a Palavra de Deus. As tecnologias digitais da informação e comunicação [TDIC] poderão ajudar muito no envolvimento de mais pessoas no programa educacional, uma vez que, de forma virtual, a igreja fica aberta para o mundo e não apenas para a sua comunidade local. Aproveitar todas as oportunidades representará um grande avanço para o ensino bíblico e a expansão do reino de Deus. Entretanto, isso aumenta bastante a responsabilidade com a qualidade daquilo que se produz.

6. A igreja precisa avaliar seus processos educacionais – Geralmente quando se pensa em avaliação no contexto da educação, já vem à mente métodos

utilizados para mensurar a aprendizagem. Embora esta avaliação seja importante e necessária, aqui está sendo considerado algo mais amplo. Estamos falando do processo sistematizado de registro, discussão e sistematização dos resultados obtidos em relação a todo o programa educacional da igreja. É certo que não existem programas educacionais perfeitos. Todos possuem fragilidades, inconsistências, pontos que não são contemplados e até mesmo erros. Existem muitas possibilidades e técnicas para se obter *feedbacks* que ajudem a aprimorar cada vez mais o programa educacional. Para utilizar essas técnicas é necessário investir no estabelecimento de uma comunicação que flui em todas as áreas e equipes de forma madura e constante. O ministro de educação cristã é o responsável por envolver todos numa caminhada de reflexão, avaliação e redirecionamento do programa e das ações necessárias.

7. A igreja precisa de inovação educacional – Vivemos em um tempo em que as coisas não são mais duradouras ou perenes; ao contrário, o ambiente é de velocidade e de disrupção. Está tudo muito acelerado; é preciso agilidade na elaboração e execução das ações necessárias. As entregas precisam acompanhar o contexto que está mudando constantemente. Tudo precisa acontecer com mais rapidez e eficiência. As novas gerações não possuem mais a disponibilidade para projetos de longa duração, da mesma maneira que

as gerações anteriores. Desenvolver programas para hoje, sem perder os valores eternos é outro grande desafio para a educação cristã. Como vimos no item anterior, os *feedbacks* constantes podem ser de grande ajuda para manter uma mentalidade de mudanças rápidas e ágeis, que são características da lógica digital. A igreja, assim como outras organizações, precisa desenvolver a capacidade de flexibilizar seus processos, trabalhar bem com equipes e ser resiliente diante de tanta instabilidade.

O ministro de educação cristã é um articulador entre várias esferas, atuando em parceria com o ministério pastoral e os demais ministérios para a implementação da visão da igreja para o futuro. Sua paixão, capacidade de planejamento, habilidade para o trabalho coletivo e percepção sobre novas tendências podem agregar muitos benefícios ao programa educacional e ser crucial para o amadurecimento dos membros. Por esta razão, investir em educação cristã é tão importante e urgente. O que a sua igreja está esperando para convidar um ministro de educação cristã?

Referência

DURÃES, Ivan de Oliveira; RAMIRO, Elana Costa. **Educação cristã: Reflexões sobre desafios e oportunidades**. São Paulo: Editora Reflexão, 2018.





A dinâmica do cuidado com as famílias das igrejas

Desafio para pastores e líderes

É sempre bem lembrada a máxima “famílias fortes, igreja forte”. É verdade que o conceito pode se desdobrar para todos os segmentos da sociedade, tornando-o mais abrangente: “famílias fortes, sociedade forte”.

A vida em família não é nada fácil. Ainda que preparados estejam os cônjuges e sempre buscando recursos para viver melhor, surpreendentemente, surgem problemas que parecem nunca terem sido alistados nos manuais de ensino. De Michel de Mon-



Pr. Neemias dos Santos Lima
Pastor da Igreja Batista no Braga em CaboFrio, Rio de Janeiro.

taigne temos a oportuna declaração: *“Não há menos tormento no governo de uma família do que no de um Estado inteiro”*.

Como introdução, dois mitos precisam ser derubados:

1) O mito da família perfeita. Não existe família perfeita porque todos somos imperfeitos e todos os nossos relacionamentos sofrerão a interferência desse fato.

2) O mito do tempo difícil para a família. É fato que, aparentemente, os ataques contra a família são cada vez mais intensos. Mas um olhar atento revelará que a família sempre sofreu ataques e não eram tão simples assim. Não se deve perder de vista que a primeira família da terra sofreu um violento ataque, dois irmãos se envolveram num episódio e um assassinou o outro. E não há necessidade de muito esforço para concluir que famílias importantes, tanto no registro bíblico como em outras literaturas, apresentam suas mazelas e fracassos sem, contudo, comprometer o plano progressivo de Deus.

Embora a responsabilidade seja pessoal e, na caminhada, decisões tomadas pelas gerações podem se distanciar das orientações recebidas, é salutar que se faça uma “mea culpa”. Por que filhos de cristãos se distanciam tanto das orientações da Palavra de Deus? Por que filhos de líderes espirituais se apresentam tão rebeldes aos ensinamentos aprendidos por seus pais?

Faz 54 anos que, pregando na Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo, na Igreja Batista de Vila Mariana, o pastor Manoel de Farias declarou:

“Sofre, também, o ministro pelo desgosto de ver, muitas vezes, filhos de suas entranhas, osso de seus ossos, criados desde a infância nas Sagradas Letras, atraídos para o mundo e dominados pela força da carnalidade. Essa triste realidade tem se multiplicado assustadoramente nestes tremendíssimos tempos em que vivemos, tempos de excessiva liberdade e de graves abusos. Conheço casos (infelizmente vários) de filhos de pastores completamente transviados dos propósitos do evangelho, verdadeiros inimigos da causa de Cristo e difamadores da igreja. Haverá, pergunto eu, maior sofrimento?”¹

A igreja como comunidade local influencia e sofre influências da sociedade no relacionamento com as famílias. Que cuidados os pastores e líderes precisam ter para o fortalecimento dessa base tão importante? Como os líderes espirituais podem ajudar as famílias para vencerem os desafios?

A força do exemplo

A primeira contribuição dos líderes é o exemplo. Não é perfeição. Um problema que afeta muitos líderes é a síndrome de perfeição. Tanto perfeição dele quanto da família e, em casos inusitados, dele lançando culpa sobre os outros membros da família. Soube de um pastor que chegava mais cedo ao templo para as atividades de adoração e, certo dia, ao perceber a esposa entrando um pouco atrasada, fez questão de chamar-lhe atenção supondo dar exemplo à igreja.

O único líder perfeito foi Jesus. Na realidade humana, perfeição só em biografias contratadas ou escritas por amigos.

Será sempre muito salutar que os liderados percebam no líder ou na líder uma pessoa de “carne e osso”. Gente que falha, gente que erra, gente que sabe pouco, gente que precisa de perdão, gente que é capaz de assumir “estou errado ou errada”. Quanto menos capa, mais possibilidade de acerto.

Orientando o jovem pastor Timóteo, Paulo enfatizou: “Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza” (1Tm 4.12). A versão Almeida Revista e Atualizada registra assim: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”.

Quando orientou os líderes das igrejas naquele contexto - pastores e diáconos - Paulo foi cirúrgico em 1Timóteo 3.2-10: o que deveria prevalecer era o exemplo de vida, não o conhecimento. Ao longo da história, parece-nos que a igreja tem se distanciado desse conselho e se aproximado de valores invertidos, ou seja, primeiro, o que se sabe. Depois, ou nunca, o que se é.

Um problema que afeta muitos líderes é a síndrome de perfeição. Tanto perfeição dele quanto da família e, em casos inusitados, dele lançando culpa sobre os outros membros da família

Mesmo sem saber a autoria, o pensamento “*a palavra convence, o exemplo arrasta*” tem seu grande valor.

A lição do caranguejo

Um caranguejo levou seu filho a um passeio para transmitir-lhe alguns ensinamentos.

Chegando à praia, o pai falou: “Meu filho, você já está ficando um rapazinho, está na hora de aprender certas coisas. Vamos começar aprendendo a andar com elegância”.

Passando da teoria à prática, colocou o filho na areia e mandou que ele andasse. O filho, em obediência ao pai, começou a andar de lado.

O pai colocou-o no mesmo lugar e falou: “Ande direito”.

Depois de várias tentativas frustradas, o velho caranguejo estava irritado e, já pensando em castigar o filho, ouviu dele: Pai, ande para eu ver como é”.

O pai, todo orgulhoso, começou a andar e, como era de se esperar, de lado. O filho olhou para o pai e disse: “Pai, o senhor sempre andou de lado, eu estou apenas procurando imitar o senhor”.

Os nossos passos são observados e aprendidos pela nova geração.

Cuidado por onde, como e com quem anda.

Contextualização necessária

Outro grande desafio para os pastores e líderes é fazer uma leitura correta do tempo em que está inserido o seu rebanho. É muito comum a cultura saudosista “no meu tempo, não era assim, bastava o pai olhar e os filhos obedeciam”.

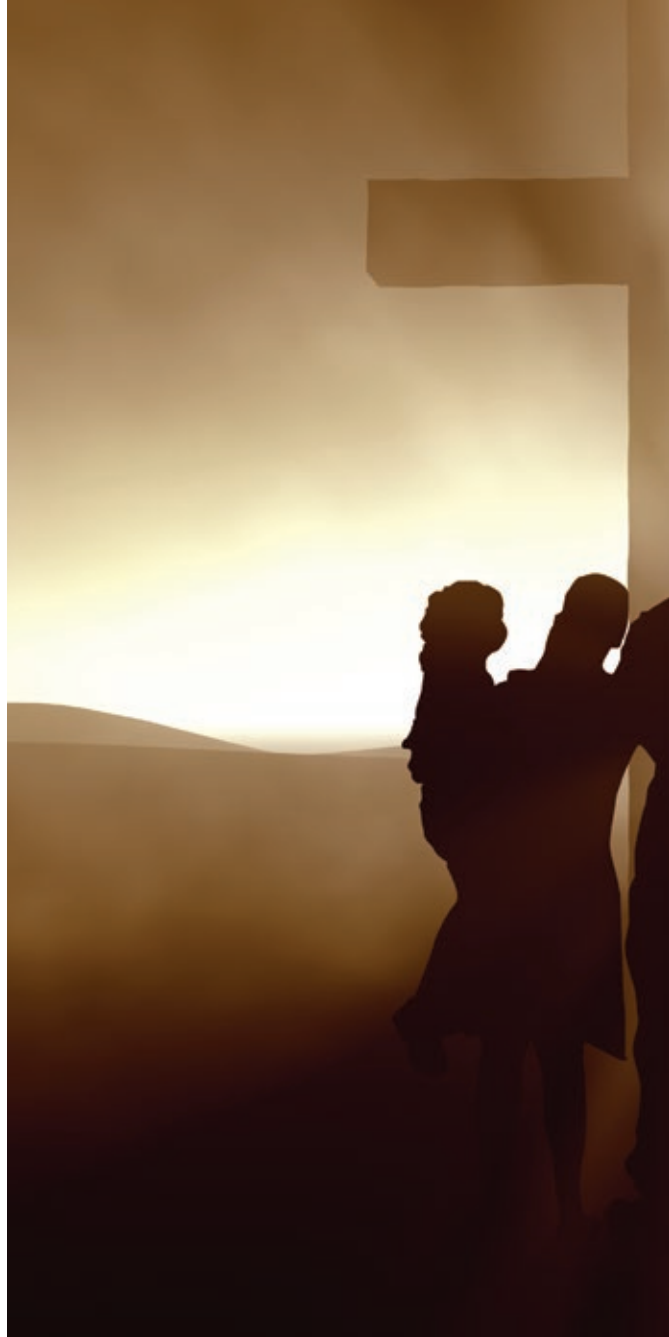
Uma pertinente reflexão sobre esse saudosismo é: os filhos obedeciam ou temiam? Temer no sentido de sentir medo, pavor e não no sentido de reverência, de respeito. O fato é que os problemas enfrentados pelas famílias de hoje são totalmente diferentes dos enfrentados pelas famílias do século passado e é assim em toda a história.

É necessário um tríptico olhar - passado, presente e futuro - para entender melhor como se deve proceder no seu tempo.

Olhar para o passado. O olhar retrospectivo dará subsídios sobre os princípios vivenciados pelas famílias e que ajudarão muito nas soluções dos problemas atuais, evitando cometer os mesmos erros.

Reflexões que podem ajudar nesse olhar:

“Que acertos tiveram as famílias? Que erros cometeram? Como enfrentaram os problemas de



seu tempo? Que soluções apresentaram? Quais os resultados visíveis de caminhada bem-sucedida?”

Olhar para o presente, para dentro. O olhar introspectivo ajudará numa leitura equilibrada e inteligente, consciente que não se tem resposta para todas as questões surpreendentes que surgem.

Reflexões importantes nesse olhar:

“Como posso aprender com as famílias que enfrentaram esse tipo de problema? Que soluções deram às demandas de sua época? Que equívocos estamos cometendo e que podem ser evitados? Qual o melhor proceder nas demandas atuais?”

Olhar para o futuro. O olhar prospectivo contribuirá para facilitar e pavimentar a estrada para as



gerações futuras. A família prosseguirá com os filhos, netos, bisnetos.

É importante refletir sobre algumas questões, como:

“Nossas decisões contribuirão para o bem-estar de nossa e outras famílias no futuro? Estamos realmente preparando os filhos para os problemas que surgirão? Nossa sementeira no presente apresentará frutos viçosos e saudáveis para serem consumidos por eles?”

A questão fundamental é entender os desafios da família para o seu tempo, dando suporte para enfrentar os problemas que hoje a afligem. Problemas não serão resolvidos olhando o tempo todo para o retrovisor, certamente acidentes evitáveis acontecerão.

Investimento correto

Será de grande valor os líderes conscientizarem os seus liderados no melhor investimento na vida dos filhos. É muito comum, sobretudo na cultura ocidental, uma inversão de valores em que o *ter ocupa o lugar do ser*. A maior preocupação com o futuro das gerações é buscar cada vez mais *ter do que ser*. Todas as investidas da maioria dos pais é que os filhos tenham sucesso financeiro, muitas vezes, deixando de viver bem o hoje para deixar herança para eles.

A maior missão do cristão é transmitir às gerações a fé recebida pela graça. O testemunho de Paulo sobre Timóteo deve ser aplaudido e aprendido:

“Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque, sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia. Lembrado das tuas lágrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti” (2Tm 2.3-5).

Um perigo que deve ser evitado é concluir que o investimento correto acontece apenas quando os filhos seguem uma carreira religiosa. Desenvolveu-se uma cultura de departamentalização da vida e há quem a separe como vida secular e vida espiritual. Lembro-me que, no meu tempo de garoto, as igrejas tinham “sessão espiritual” exclusiva para profissão de fé, pedidos ou concessão de cartas de transferência, reconciliação e exclusão, e “sessão de negócios” para todas as questões administrativas. Aquela era solene, nesta o coro comia. Tratava-se de um equívoco. Tudo na vida do cristão deve orbitar em torno da máxima *“quer comam, quer bebam, ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus”* (1Co 10.31).

Projeto permanente

Um programa permanente deve estar no radar da liderança com o objetivo de manter sempre acesa a chama de valorização da família. É um equívoco reduzir a ênfase na família apenas num mês, em nosso caso, maio. No desenvolvimento de todo programa da igreja, a temática família deve estar presente, ainda que nenhuma menção se faça. Naturalmente, em todas as faixas etárias, como pano de fundo, a família será contemplada.

Uma boa estratégia será a criação de um ministério, ou outro nome que queira adotar, cujo programa será o fortalecimento das famílias. Um bom planejamento contemplará áreas que nem sempre podem ser atendidas com eficácia no púlpito como, por exemplo,

conhecimento de planejamento financeiro, problemas envolvendo intimidades e profissão dos filhos.

Conclusão

Deus sempre acreditou e continua acreditando na família. Ele começou seu projeto com uma família, Adão e Eva. Quando o mundo se corrompeu de tal forma que a solução era a destruição, Deus preservou uma família, a família de Noé. Quando iniciou o programa progressivo da revelação, foi com uma família, a família de Abrão. Em todo o Antigo Testamento, há valorização da família. Ao enviar seu Filho Jesus ao mundo, uma família o acolheu, José e Maria. Paulo realça que os cristãos são a família de Deus – Efésios 2.19. A ideia de céu como lar – lar celestial – remete à família.

Os líderes têm responsabilidades maiores em relação à família. Esta é seu primeiro ministério, sua primeira missão. A advertência paulina é contundente e pedagógica: *“Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente”* (1Tm 5.8).

Mas, podemos contar com a graça de Deus. Ela supera nossas fraquezas e fracassos. Abraão, o pai da fé, mentiu. Seu filho Isaque também, reproduzindo a mesma mentira. E Jacó também. Ainda assim, Deus não desprezou Abraão e ele é considerado o “Pai da fé”. Eli não foi desautorizado por causa dos pecados de Ofni e Fineias, seus filhos, embora tenha sofrido muito e recebido a repreensão por não lhes aplicar a disciplina. E o que dizer de Davi com seus deslizes familiares? Tudo é entendido pela graça.

Somos falhos e, fatalmente, falharemos. Quando isso ocorrer, lembremo-nos que Deus é o Deus da segunda chance. E da terceira, da quarta e de tantas outras.

Referência

1. Teses pastorais - Fascículo 8 da segunda série ou Volume II – Teses proferidas por ocasião das festas do Jubileu de Prata da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo, realizada nos dias 10 a 15 de julho de 1967, na Igreja Batista de Vila Mariana.

